

THOMAS L. FRIEDMAN E MICHAEL MANDELBAUM

# Éramos nós

*A crise americana e como resolvê-la*

*Tradução*

Ivo Korytovski



Copyright © 2011 by Thomas L. Friedman and Michael Mandelbaum

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Proibida a venda em Portugal.

*Título original*

That used to be us: How America fell behind in the world it invented and how we can come back

*Capa*

warrakloureiro

*Foto de capa*

<completar>

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Márcia Moura

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Friedman, Thomas L.

Éramos nós : A crise americana e como resolvê-la / Thomas L. Friedman e Michael Mandelbaum ; tradução Ivo Kortovski.  
— 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Titulo original: That used to be us : How America fell behind in the world it invented and how we can come back.

ISBN 978-85-359-2100-7

1. Criatividade – Estados Unidos 2. Educação e Estado – Estados Unidos 3. Estados Unidos – Condições econômicas 4. Estados Unidos – Condições sociais 5. Estados Unidos – Política e governo 6. Globalização 7. Tecnologia da informação – Aspectos sociais – Estados Unidos 1. Mandelbaum, Michael. II. Título.

---

12-04333

CDD-973.932

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos : História política, econômica e social 973.932

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompahia.com.br](http://www.blogdacompahia.com.br)

# Sumário

Prefácio: Crescer nos Estados Unidos .....	11
--	----

## **PARTE 1: O DIAGNÓSTICO**

1. Caso veja algo suspeito, informe .....	17
2. Ignorar nossos problemas .....	28
3. Ignorar nossa história .....	49

## **PARTE 2: O DESAFIO DA EDUCAÇÃO**

4. Amor sem escalas .....	69
5. Precisa-se de ajuda .....	99
6. Dever de casa $\times$ 2 = o sonho americano .....	118
7. A média acabou .....	155

## **PARTE 3: A GUERRA À MATEMÁTICA E À FÍSICA**

8. “Temos direito a isso” .....	179
9. A guerra à matemática (e ao futuro) .....	184
10. A guerra à física e outras coisas boas .....	209

**PARTE 4: FRACASSO POLÍTICO**

11. Os terríveis dois anos .....	241
12. “Seja o que for, sou contra” .....	270
13. Desvalorização .....	305

**PARTE 5: REDESCOBERTA DOS ESTADOS UNIDOS**

14. Eles simplesmente não captaram a mensagem .....	327
15. Terapia de choque .....	358
16. Redescobrindo os Estados Unidos .....	380
 Agradecimentos .....	391
Índice remissivo .....	393

## **PARTE 1**

### **O diagnóstico**

# 1. Caso veja algo suspeito, informe

Este livro sobre os Estados Unidos começa na China.

Em setembro de 2010, Tom compareceu à conferência de verão do Fórum Econômico Mundial em Tianjin, China. Cinco anos antes, chegar a Tianjin envolvia uma viagem de carro de três horas e meia de Beijing até uma versão chinesa poluída e apinhada de Detroit, mas as coisas haviam mudado. Agora, é preciso ir até a Estação Ferroviária Sul de Beijing — um prédio ultramoderno em forma de disco voador com paredes de vidro e um telhado oval coberto com 3246 painéis solares —, comprar uma passagem num quiosque eletrônico com opções em chinês e inglês e embarcar num excelente trem de alta velocidade que vai sem escalas até outra estação ferroviária espaçosa e moderna no centro de Tianjin. Considerado o mais rápido do mundo quando começou a operar em 2008, o trem-bala chinês percorre 115 quilômetros em apenas 29 minutos.

A própria conferência ocorreu no Centro de Convenções e Exposições Meijiang de Tianjin — uma estrutura enorme e belamente equipada, como poucas cidades norte-americanas conseguem ostentar. Como se o centro de conferências não fosse suficientemente impressionante, os copatrocinadores da conferência em Tianjin forneceram alguns fatos e cifras sobre ele ([www.tj-summerdavos.cn](http://www.tj-summerdavos.cn)). Observaram que sua área ocupada total era de 230

mil metros quadrados e que a “construção do Centro de Convenções Meijiang começou em 15 de setembro de 2009 e foi concluída em maio de 2010”. Ao ler essa informação, Tom começou a contar nos dedos: vejamos — setembro, outubro, novembro, dezembro, janeiro...

Oito meses.

Ao voltar daquela viagem para sua casa em Maryland, Tom estava descrevendo para Michael e sua esposa Anne o complexo de Tianjin e quão rapidamente foi construído. A certa altura, Anne perguntou: “Desculpe-me, Tom. Você tem ido à nossa estação de metrô ultimamente?”. Nós todos moramos em Bethesda e com frequência usamos o Washington Metrorail para ir ao trabalho no centro de Washington, D.C. Tom acabara de passar pela estação de Bethesda e sabia exatamente do que Anne falava: as duas escadas rolantes curtas estavam em reparos havia quase seis meses. Enquanto a que estava sendo consertada era interditada, a outra tinha de ser desligada e convertida numa escada convencional de subida e descida. Na hora do rush, aquilo criava uma enorme confusão. Todos que tentavam entrar na plataforma ou sair dela tinham de se espremer numa fila indiana para subir ou descer a escada rolante parada. Levava-se dez minutos para sair da estação. Um aviso na escada interditada dizia que seus reparos faziam parte de um enorme projeto de “modernização” das escadas rolantes.

Por que aquele projeto de “modernização” vinha levando tanto tempo? Fomos investigar. Cathy Asato, porta-voz da Autoridade de Trânsito Metropolitano de Washington, contara ao *Maryland Community News* (20 de outubro de 2010) que “os reparos estavam programados para levar uns seis meses e tudo estava dentro do cronograma. Os mecânicos precisavam de dez a doze semanas para consertar cada escada rolante”.

Uma comparação simples mostrava um fato surpreendente: a empresa de construção civil Teda, da China, levou 32 semanas para erguer um centro de convenções excelente a partir do zero — incluindo gigantescas escadas rolantes em cada canto —, enquanto o pessoal do metrô de Washington estava levando 24 semanas para reparar duas escadas rolantes minúsculas de 21 degraus cada. Pesquisamos um pouco mais e descobrimos que a WTOP, uma estação de rádio local, havia entrevistado o gerente interino do metrô, Richard Sarles, em 20 de julho de 2010. Aquelas escadas rolantes eram antigas, ele disse, mas “não foram mantidas num bom estado de conservação. Estamos deficien-

tes nisso e precisamos recuperar o terreno perdido. [...] Na semana passada, começou a sair fumaça das escadas rolantes da estação Dupont Circle durante a hora do rush”.

Em 14 de novembro de 2010, o *Washington Post* publicou uma carta ao editor de Mark Thompson, de Kensington, Maryland, que dizia:

Observei com interesse sua matéria sobre o estudo de 225 mil dólares que o metrô contratou à Vertical Transportation Excellence a respeito do estado deplorável das escadas rolantes e dos elevadores do sistema. [...] Estou certo de que o estudo possui seu mérito. Mas, como alguém que vem usando o metrô por mais de trinta anos, consigo imaginar um meio mais fácil de avaliar o estado de conservação das escadas rolantes. Durante décadas, funcionaram de forma silenciosa e eficiente. Mas, nos últimos anos — quando estão funcionando —, peças velhas ou inadequadas têm gerado ruídos horríveis que soam para mim como um *Tyrannosaurus rex* preso numa armadilha emitindo seus gritos de morte.

A citação que achamos mais perturbadora, porém, veio de uma matéria no *Maryland Community News* sobre as longas filas na hora do rush causadas pelos reparos aparentemente intermináveis do metrô: “Minha impressão, quando fico ali na fila, é que as pessoas se acostumaram com isso”, diz Benjamin Ross, que mora em Bethesda e utiliza diariamente a estação do centro”.

## O ASSUNTO NACIONAL

*As pessoas se acostumaram com isso.* De fato, esse sentimento de resignação, a impressão de que essa é a realidade americana hoje, a sensação de que os melhores dias dos Estados Unidos ficaram para trás e os melhores dias da China estão à frente tornou-se tema de conversas no trabalho, nos jantares, na fila do supermercado e nas salas de aula espalhadas pelos Estados Unidos. Ouvimos as dúvidas de algumas crianças, que não estiveram na China. Tom participou do encontro do Council of Educational Facility Planners International (CEFPI) em setembro de 2010 em San Jose, Califórnia. Havia, como parte do programa, uma “Competição de Projetos da Escola do Futuro” em que alunos do ensino fundamental deviam projetar sua própria escola verde ideal.

Tom se encontrou com os finalistas na última manhã da convenção e conversaram sobre tendências globais. A certa altura, Tom perguntou o que achavam da China. Uma jovem aluna de cabelos louros, Isabelle Foster, da Old Lyme Middle School, em Connecticut, observou: “Parece que eles têm mais ambição e vontade que nós”. Tom perguntou: “De onde lhe veio esse pensamento?”. Ela respondeu que não conseguia realmente explicar. Nunca visitara a China, mas era o que sentia. Estava no ar.

Ouvimos o ceticismo em relação aos Estados Unidos vindo do governador Ed Rendell, da Pensilvânia, em sua reação furiosa depois que a Liga Nacional de Futebol Americano adiou por dois dias uma partida marcada na Filadélfia entre os Philadelphia Eagles e os Minnesota Vikings — devido a uma nevasca forte. A Liga ordenou o adiamento das partidas, pois não queria ver torcedores dirigindo em estradas geladas, cobertas de neve. Mas Rendell viu ali um indicador de algo mais preocupante: de que os americanos tinham se tornado molengas. “Isso vai contra o espírito do futebol americano”, disse ele numa entrevista à estação de rádio esportiva 97,5 The Fanatic in Philadelphia (27 de dezembro de 2010). “Nós nos tornamos uma nação de fracotes. Os chineses estão nos deixando para trás em tudo. Se fosse na China, você acha que os chineses teriam cancelado o jogo? As pessoas teriam marchado até o estádio, teriam andado, e estariam estudando matemática no caminho.”

Vemos o ceticismo em cartas ao editor, como esta de Eric R. na página de comentários do *New York Times* embaixo de uma coluna que Tom escreveu sobre a China (1º de dezembro de 2010):

Estamos quase no fim de nossa evolução de Lewis e Clark para Hortelino Troca-Letras e Eufrazino Puxa-Briga. Costumávamos enfrentar os desafios, suportar as privações, controlar nosso medo e explorar o mundo selvagem (desconhecido). Desse modo conseguimos cobrir o continente de ferrovias, construir um sistema de rodovias federais, derrotar ditadores monstruosos, curar a pólio e levar homens à Lua. Agora mandamos torpedos e nos maquiamos enquanto dirigimos, gastamos mais em videogames que em livros, fugimos dos exercícios físicos, abominamos as caçadas e estamos rapidamente sucumbindo à obesidade e ao diabetes. Acabou-se o espírito pioneiro que fez de nós (outrora) a maior nação da Terra, invejada pelos outros e chamada de “excepcional”.

Às vezes as dúvidas nos acometem quando menos esperamos. Algumas semanas depois de voltar da China, Tom foi à Casa Branca fazer uma entrevista. Passou pelo controle do Serviço Secreto na Pennsylvania Avenue e, depois de submeter seus objetos ao detector de metais, pegou na maçaneta de metal da porta de acesso à Casa Branca. A maçaneta se soltou e ficou em sua mão. “Oh, isso acontece às vezes”, o agente do Serviço Secreto que estava na porta disse com indiferença, enquanto Tom tentava encaixar a maçaneta oscilante de volta ao lugar.

Com frequência ouvimos agora esse mesmo ceticismo dos estrangeiros — como quando um vizinho em Bethesda menciona que, ao longo dos anos, contratou diversas mulheres jovens da Alemanha para ajudar a cuidar dos filhos, e elas sempre observam dois fatos: quantos esquilos existem em Washington e quão malconservadas estão as ruas. Elas simplesmente não conseguem acreditar que a capital dos Estados Unidos tenha ruas tão esburacadas.

## OTIMISTAS FRUSTRADOS

Assim sendo, será que aceitamos a ideia, cada vez mais popular em certos círculos, de que a Grã-Bretanha dominou o século xix, os Estados Unidos controlaram o xx e a China inevitavelmente reinará suprema no século xxi — e que, para saber disso, basta tomar um avião de Tianjin ou Shanghai até Washington, D.C. e pegar o metrô?

*Não, não aceitamos.* E escrevemos este livro para explicar por que nenhum americano, jovem ou velho, deve se resignar a esse ponto de vista. Nós dois não somos pessimistas quando se trata dos Estados Unidos e de seu futuro. Somos otimistas, mas também estamos frustrados. Somos otimistas frustrados. Em nossa visão, as duas atitudes andam de mãos dadas. Somos otimistas porque a sociedade americana, com seu espírito libertário, sua diversidade de opiniões e talentos, sua economia flexível, sua ética do trabalho e seu pendor para a inovação está na verdade idealmente preparada para prosperar no mundo tremendamente desafiador no qual estamos vivendo. Somos otimistas porque os sistemas político e econômico dos Estados Unidos, quando funcionam adequadamente, conseguem mobilizar os talentos e a energia da nação para enfrentar os desafios do país. Somos otimistas porque os americanos têm bastan-

te experiência em fazer coisas grandes e difíceis conjuntamente. Porque nosso histórico de realizações nacionais dá ampla margem para acreditarmos que podemos superar nossas dificuldades atuais.

Mas é por isso também que estamos frustrados. O otimismo ou pessimismo quanto ao futuro dos Estados Unidos não pode simplesmente ser uma função de nossa capacidade de fazer coisas grandiosas ou de nosso histórico de coisas grandiosas. Também tem de ser uma função de nossa vontade de fazer essas coisas de novo. Muitos americanos estão fazendo coisas maravilhosas atualmente, porém em escala pequena. Filantropia, voluntariado, iniciativa individual: tudo isso é impressionante, mas aquilo de que o país mais precisa é ação coletiva em larga escala.

Não podemos ser pessimistas sobre os Estados Unidos quando sabemos que o país abriga tantas pessoas criativas, talentosas e trabalhadoras, mas não podemos deixar de nos frustrar quando descobrimos quantas dessas pessoas sentem que o país não está educando a força de trabalho de que precisa, admitindo imigrantes dinâmicos, investindo na infraestrutura de que necessita, financiando pesquisas ou pondo em vigor as leis e incentivos fiscais inteligentes que nossos concorrentes implantaram.

Daí o título de abertura deste capítulo: “Caso veja algo suspeito, informe”. Esse é o mantra que o Departamento de Segurança Interna repete nos alto-falantes em aeroportos e estações ferroviárias por todo o país. Pois bem, nós vimos e ouvimos algo, e milhões de americanos ouviram também. O que vimos não é um pacote suspeito abandonado sob uma escada. O que vimos está escondido de todos, algo que representa uma ameaça maior à nossa segurança e ao bem-estar nacional do que a Al-Qaeda. Vimos um país com um potencial enorme descambiar no desespero, na confusão política e no mal-estar palpável em relação à sua situação atual e perspectivas futuras.

Este livro é nossa maneira de dizer algo — sobre o que está errado, por que as coisas deram errado, e o que podemos e devemos fazer para consertá-las.

Porém, por que dizer isso agora e por que a premência?

“Por que agora?” é fácil de responder: porque nosso país está em lento declínio, suficientemente lento para que possamos fingir — ou acreditar — que não está havendo declínio. Como o sempre otimista Timothy Shriver, presidente da organização Special Olympics, filho do fundador do Peace Corps, o sargento Shriver, e sobrinho do presidente John F. Kennedy, respondeu quan-

do o informamos sobre nosso livro: “É como se decaíssemos apenas um pouquinho a cada ano e atribuíssemos isso a circunstâncias além de nosso controle — uma crise econômica aqui, um problema social ali, uma confusão política este ano. Estamos retrocedendo um passo por dia e ninguém está dizendo: ‘Pare!’. Sem dúvida, acrescentou Shriver, a maioria dos americanos “ainda adoraria ser o país dos grandes ideais e realizações, mas ninguém parece disposto a pagar o preço”. Ou, nas palavras de Jeffrey Immelt, CEO da General Electric: “O que falta nos Estados Unidos hoje é a confiança gerada pela solução de um problema grande e difícil — conjuntamente”. Faz um bom tempo que não realizamos algo grande e difícil juntos.

Sustentaremos que esse declínio em câmera lenta possui quatro grandes causas. A primeira delas é que, desde o fim da Guerra Fria, nós, e especialmente nossos líderes políticos, deixamos de iniciar cada dia com duas perguntas que são cruciais para determinar a gestão pública: em que mundo estamos vivendo e o que exatamente precisamos fazer para prosperar nesse mundo? A Força Aérea norte-americana possui uma doutrina estratégica originalmente criada por um de seus oficiais, John Boyd, chamada ciclo OODA. Significa “observar, orientar, decidir e agir”. Boyd argumenta que, quando você é um piloto de avião de caça, se seu ciclo OODA for mais rápido que o do adversário, você sempre vencerá o combate. Hoje em dia, o ciclo OODA dos Estados Unidos está lento demais e, com frequência, confuso. No discurso político americano atual existe pouca observação, orientação, decisão e ação; e muita gritaria, insistência, divisão e procrastinação. Quando o mundo realmente se acelera, a velocidade com que um país consegue efetivamente observar, orientar, decidir e agir é cada vez mais importante.

A segunda causa é que, nos últimos vinte anos, o país não tem conseguido enfrentar alguns de seus maiores problemas — particularmente educação, déficits, dívida, energia e mudança climática —, e agora todos eles pioraram a ponto de não poderem ser ignorados, mas tampouco poderem ser eficazmente enfrentados sem ação coletiva e sacrifício conjunto. A terceira causa, para piorar as coisas, é que deixamos de investir na fórmula tradicional de grandeza de nosso país, uma fórmula que remonta à sua fundação. Por último, a quarta causa, como explicaremos, é que não fomos capazes de corrigir nossos problemas ou reinvestir em nossas forças porque nosso sistema político se paralisou e nosso sistema de valores sofreu uma grave erosão. Mas final-

mente, sendo otimistas, ofereceremos nossa própria estratégia de superação desses problemas.

“Por que a premência?” também é fácil de responder. Em parte resulta do fato de que o país não dispõe dos mesmos recursos ou de tempo para desperdiçar de que dispunha vinte anos atrás, quando o déficit orçamentário estava sob controle e os maiores desafios pareciam ao menos controláveis. Especialmente na última década, a nação gastou tanto tempo e energia — e o dinheiro da próxima geração — combatendo o terrorismo e se dando ao luxo de reduções de impostos e crédito barato que agora as reservas se esgotaram. Estamos dirigindo sem para-choque, sem um pneu sobressalente e com o ponteiro de gasolina quase no zero. Se o mercado ou a Mãe Natureza der uma súbita guinada perturbadora na direção errada, não haverá recursos para se proteger dos piores efeitos, como havia no passado. Winston Churchill gostava de dizer que os “Estados Unidos sempre farão a coisa certa, mas apenas depois de esgotar todas as outras opções”. Os Estados Unidos simplesmente não dispõem mais de tempo para esgotar quaisquer opções que não sejam as corretas.

Nossa sensação de urgência também deriva do fato de que o sistema político não está enquadrando adequadamente, e menos ainda atacando nossos maiores desafios. O objetivo não deveria ser apenas resolver os problemas da dívida e do déficit. Isso é tacanho demais. Enfrentar essas questões é importante — na verdade, necessário e urgente —, mas não passa de um meio para um fim. O objetivo dos Estados Unidos é permanecer um grande país. Isso significa que, enquanto reduzem seus déficits, precisam também investir em educação, infraestrutura e pesquisa e desenvolvimento, bem como abrir mais sua sociedade para imigrantes talentosos e corrigir os regulamentos que governam sua economia. Imigração, educação e regulação sensata são ingredientes tradicionais da fórmula americana de grandeza. São mais vitais que nunca se quisermos realizar o pleno potencial do povo norte-americano nas próximas décadas, gerar os recursos para sustentar nossa prosperidade e permanecer o líder global que temos sido e que o mundo precisa que sejamos. Nós, os autores deste livro, não queremos simplesmente restaurar a solvência americana. Queremos preservar a grandeza americana. Não somos sujeitos de visão tacaña. Somos patriotas legítimos.

## CHINA DE NOVO

Para preservar a grandeza americana, a opção correta não é nos tornarmos mais parecidos com a China. É nos tornarmos mais como nós próprios. Certamente, a China deu passos extraordinários para tirar dezenas de milhões de seus habitantes da pobreza e modernizar sua infraestrutura — de centros de convenções a rodovias, aeroportos e moradias. O foco incessante da China no desenvolvimento econômico e sua disposição em procurar as melhores práticas do mundo, experimentá-las e depois aumentar a escala daquelas que funcionam são realmente impressionantes.

Mas os chineses ainda sofrem de problemas graves e potencialmente debilitantes: falta de liberdade, corrupção generalizada, grande poluição e um sistema educacional que historicamente tem sufocado a criatividade. A China não possui um sistema político ou econômico melhor que o dos Estados Unidos. Para sustentar seu progresso econômico notável, acreditamos que a China acabará tendo de adotar mais aspectos do sistema americano, particularmente a liberdade política e econômica que são fundamentais ao sucesso. A China não pode continuar dependendo de sua capacidade de mobilizar mão de obra de baixo custo e capital barato e de copiar e montar as inovações dos outros.

Mesmo assim, neste exato momento, acreditamos que a China está obtendo 90% dos benefícios potenciais de seu sistema político de segunda classe. Está atingindo o máximo de seu autoritarismo. Mas eis a deficiência em que os americanos deveriam se concentrar: estamos obtendo apenas 50% dos benefícios potenciais de nosso sistema de primeira classe. Atualmente adquirimos bem menos do que podemos, deveríamos e precisamos obter de nossa democracia.

Em suma, nosso maior problema não é que não estejamos conseguindo acompanhar as melhores práticas da China, e sim que nos desgarramos muito de nossas melhores práticas. Nossa futuro depende não de adotarmos características do sistema chinês, mas de fazer com que nosso sistema democrático funcione com o tipo de foco, autoridade moral, serenidade, ação coletiva e concentração que a China conseguiu gerar por meios autoritários nas últimas décadas.

De nosso ponto de vista, todas as comparações entre China e Estados Unidos que se ouvem nas conversas americanas atuais não tratam absolutamente da China. Tratam de nós. A China é apenas um espelho. Estamos real-

mente falando sobre nós e nossa própria perda de autoconfiança. Vemos nos chineses alguns traços de caráter que costumávamos ter — que outrora definiam nossa nação —, mas que aparentemente perdemos.

Orville Schell dirige o Centro sobre Relações EUA-China da Asia Society na cidade de Nova York. Trata-se de um dos observadores da China mais experientes nos Estados Unidos. Ele também compareceu à conferência de Tianjin e, numa tarde, depois de uma apresentação particularmente poderosa sobre o último salto econômico da China, Tom perguntou a Schell por que ele achava que a ascensão chinesa passara a incomodar e obcecado os americanos.

“Como recentemente começamos a nos achar tão incapazes de realizar as coisas, tendemos a olhar com certo anseio superidealista quando se trata da China”, Schell respondeu. “Vemos o que fizeram e projetamos neles algo que faz uma falta terrível em nós próprios” — aquela atitude de “é-possível, vamos-realizar, todos-juntos, custe-o-que-custar” que construiu nossas estradas e barragens e levou o homem à Lua. “Aqueles foram marcos de nossa cultura da infância”, disse Schell. “Mas agora vemos nosso país se transformando no inverso, enquanto observamos a China passando a ser animada por aqueles mesmos tipos de energias. [...] A China quer desesperadamente se afirmar diante do mundo, ao mesmo tempo em que os Estados Unidos parecem estar perdendo o afã em demonstrar sua excelência.” Os chineses estão motivados, Schell continuou, por um “profundo anseio em restaurar a grandeza da China e, infelizmente, sentimos com frequência que estamos perdendo essa mesma força motivadora nos Estados Unidos”.

Nós dois sentimos isso, mas não defendemos políticas e práticas que sustentem a grandeza americana com base na arrogância ou no espírito chauvinista. Sentimos isso por amor ao nosso país e uma crença poderosa na força do bem que os Estados Unidos podem ser — para seus próprios cidadãos e para o mundo — no que têm de melhor. Estamos cônscios das imperfeições do país, do passado e do presente. Sabemos que toda semana um político norte-americano aceita uma propina; alguém é condenado por um crime que não cometeu; dinheiro público é desperdiçado em vez de ser aproveitado para uma ponte ou uma escola nova, ou uma pesquisa de ponta; muitos jovens abandonam a escola; mulheres jovens engravidam sem um pai que assuma o filho; e pessoas perdem injustamente o emprego ou a casa. O cético diz: “Vejam o abismo entre nossos ideais e nossa realidade. Falar sobre a grandeza americana é men-

tira”. O partidário diz: “Ignorem o abismo. Ainda somos excepcionais”. Nossa ponto de vista é que os abismos são importantes, e este livro terá muito a dizer sobre eles. Mas os Estados Unidos não são definidos por seus precipícios. Nossa grandeza — o que realmente nos define — é e sempre foi o esforço incesante em eliminá-los, a luta constante para formar uma união mais perfeita. Os abismos simplesmente nos mostram o trabalho que ainda temos por realizar.

Repetindo: nosso problema não é a China, e nossa solução não está na China. Nossa problema está em nós — o que estamos fazendo ou não, como nosso sistema político está funcionando ou não, quais valores estão ou não norteando nossas vidas. E a solução está em nós — o povo, a sociedade e o governo que costumávamos ser, e podemos voltar a ser. Por isso este livro pretende ser um brado de alerta e uma exortação — generoso em sua crítica de onde estamos e resoluto em seu otimismo sobre o que podemos conseguir se agirmos juntos.